



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ORLEI SILVEIRA DE RESENDE JÚNIOR

(depoimento)

2009

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-156

Entrevistado: Orlei Silveira de Resende Júnior

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Paula Ribeiro Demarco e Sílvia Lucas Coutinho

Data da entrevista: 23/10/2009

Transcrição: Sílvia Lucas Coutinho

Conferência Fidelidade: Paula Ribeiro Demarco / Tuany Defaveri Begossi

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Paula Ribeiro Demarco

Fitas: (01 fita) 156/01-B

Total de gravação: 30 minutos

Páginas Digitadas: 7

Catalogação: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02159/2010/01

Número de registro da fita: 02159/2010/01

Observações: Gravado somente no lado B. Após a leitura, o entrevistado alterou alguns trechos do depoimento.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

RESENDE JÚNIOR, Orlei Silveira de. *Orlei de Resende Júnior. (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Diferenças entre montanhismo, rapel, escalada em rocha e escalada “indoor”; início do envolvimento com a prática da modalidade; campeonatos; visibilidade na mídia; projetos e todo o processo de criação e execução; formação acadêmica.

Porto Alegre, 23 de outubro de 2009. Entrevista com Orlei Jr., a cargo das pesquisadoras Paula Ribeiro Demarco e Sílvia Lucas Coutinho para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.C. - Gostaríamos de saber quais os esportes que tu praticas?

O.J. - Eu pratico montanhismo, escalada em rocha, escalada “indoor” e rapel.

S.C. - Tu poderias nos falar um pouquinho de cada um deles?

O.J. - O montanhismo é um esporte que o objetivo é a ascensão de montanhas, elas podem ser nevadas ou não. E, enfim, nós fazemos acampamentos durante essa ascensão, caminhamos muito, às vezes, escalamos em rocha. O principal objetivo é chegar no topo.

S.C. - E o rapel?

O.J. - Rapel é uma técnica que foi criada por montanhistas. Não quer dizer que ele seja considerado um esporte, mas ele está tomando uma cara mais esportiva, porque as pessoas estão se organizando, se equipando, fazendo cursos e treinando a parte física, psicológica, para fazer rapéis grandes, em lugares mais remotos.

S.C. – Então, ela deriva do montanhismo?

O.J. – Isto.

S.C. - Para você ascender, precisa depois...

O.J. - Descer de alguma maneira.

S.C. – Além do montanhismo e do rapel, qual foi o outro que tu citaste?

O.J. – A escalada em rocha e a escalada “indoor”. A escalada em rocha, às vezes, é confundida com o montanhismo. Mas a escalada em rocha é aquela em que tu podes

praticar em um ambiente que não é uma montanha. Por exemplo: Se eu for tentar escalar o Dedo de Deus¹, eu vou escalar em rocha. Mas escalada do Dedo, em rocha, é um pequeno trecho baseado em toda a ascensão, em toda a história que envolve a sua ascensão, no qual eu tenho que caminhar um trecho, escalar outro, caminhar de novo, escalar outro e chegar no topo. Vocês podem notar que esta escalada do Dedo de Deus que eu estou falando, é uma escalada de montanha. Ela é diferente da escalada em rocha puramente, que é aquela que nós fazemos na beira da praia de Torres², por exemplo. Tu não estás escalando numa montanha. Está escalando uma pedra. Isto é escalada em rocha. Então, resumindo: a escalada que se faz em montanha nós podemos chamar de ascensão. E, a escalada em rocha, simples assim, é a escalada que se faz em pedras, em pequenos pedaços de rocha que nós encontramos. Por exemplo, existem escaladores nos Estados Unidos, no Canadá, que escalam dentro de cavernas e eles não estão praticando montanhismo. Eles estão fazendo escalada. A escalada é uma pequena parte do ato de subir montanhas (montanhismo).

S.C. – E a escalada “indoor”?

O.J. – E a escalada “indoor” é aquela escalada muito parecida com a escalada em rocha, só que tu desenvolves dentro de ginásios e academias. Esse é um grande esporte pouco explorado dentro das Universidades e é um excelente mercado para os novos professores de Educação Física. Dica para vocês: se querem trabalhar com um esporte diferenciado, a escalada “indoor” é uma excelente ferramenta.

S.C. – Orlei, tu podes contar para nós como é que foi o teu início no montanhismo?

O.J. – Eu era militar de um pelotão de operações especiais. Sempre gostei de aventura. Quando eu dei baixa, queria continuar aplicando as técnicas que eu aprendi no exército em contato com a natureza. Então, comecei a procurar por aqui quem pudesse me ensinar as técnicas do montanhismo. Encontrei um instrutor chamado João Batista Giacchin³. Era o único guia que atuava aqui no Rio Grande do Sul ensinando pessoas a escalar. Me inscrevi

¹ Dedo de Deus é um pico situado no estado do Rio de Janeiro. Assemelha-se a uma mão apontando o indicador para o céu.

² Município do estado do Rio Grande do Sul.

³ Nome sujeito à confirmação.

no “Curso Básico de Montanhismo” e, de lá para cá, nunca mais parei. Hoje eu trabalho com isto. Trabalho como guia de montanha levando as pessoas todos os finais de semana para escalar. Mais tarde, procurei a Universidade para adquirir mais conhecimentos, para saber o que é que acontece dentro daquela pessoa que está aprendendo a escalar, processos didáticos para melhorar meu trabalho como instrutor de escalada e guia, e hoje eu estou aqui [riso].

S.C. – Tu participas de alguma competição? O Montanhismo tem algum campeonato? Tu participas ou já participou de algum?

O.J. – Não existem competições em montanha. Existe sim, competições de escalada “indoor”. Eu já participei de alguns campeonatos. A minha melhor colocação foi quinto no Gaúcho de escalada “indoor”, mas isso foi há muito tempo atrás. Hoje eu já não tenho mais condição física de competir com a gurizada. Como eu vivo da escalada hoje, fica muito difícil trabalhar e treinar para participar de campeonatos.

S.C. – Mais eles ocorrem?

O.J. – Sim, direto e cada vez mais. Daqui para frente, uma das metas da minha empresa “Mundo Vertical”⁴, é trabalhar mais com escalada “indoor”, montando estruturas, oferecendo consultoria e montando eventos de escalada “indoor”.

S.C. – E fora a escalada indoor, o montanhismo em si, como tu explicaste para nós a ascensão? Então, não tem campeonato?

O.J. – Não existe em montanha por três motivos: primeiro por questões de impacto ambiental. Organizar um campeonato em uma montanha, em um local de escalada em rocha, o impacto ambiental é muito grande. Muita gente pisoteando as trilhas, fica complicada a captação das imagens. Também complica a questão de segurança. Imagina em um lugar tipo o Itacolomi cinquenta pessoas. É fácil alguém cair, se machucar, ser

⁴ Criada em 1995, na cidade de Porto Alegre, pelo professor Orlei Junior. É a primeira empresa a trabalhar regularmente com: montanhismo, escalada em rocha, escalada indoor e rapel no Sul do Brasil.

atingido por uma pedra que cai. Por isto não se faz mais campeonatos de escalada em rochas.

S.C. – E, quando nós ouvimos falar assim: “Determinado nome de alguma pessoa que ascendeu tal pico, foi o primeiro a chegar”. Como que eles fazem? “Ah, o brasileiro foi o primeiro a chegar”, por exemplo, “no Aconcágua”. Então, o que dá esta visibilidade para a pessoa? Como se fica sabendo, se não se tem o campeonato?

O.J. – Na verdade, o montanhismo é um esporte solitário, apesar de tu estares sempre acompanhado de alguém. Então, quando chegamos no topo de uma montanha, chegamos primeiramente por uma satisfação pessoal e não para contar para todo mundo. Mas a internet viabilizou a divulgação de imagens dos feitos dos montanhistas. Então, isso passa a ser divulgado em vários sites, vai para a TV, jornais, revistas. Agora tem muitos escaladores que são anônimos, fazendo grandes feitos com o próprio dinheiro, o que não é o meu caso. Quando eu faço uma escalada, geralmente estou patrocinado ou apoiado por alguém. E esse alguém exige exposição da marca. Por exemplo, eu fiz um projeto em 2006 chamado “Sete Cumes do Brasil”, no qual eu escalei as sete maiores montanhas e tive apoio de muita gente. Então, isso tem que dar mídia. Eu tenho que colocar no jornal, revistas, sites, porque senão, eu não consigo tocar outros projetos para frente. Infelizmente, eu não consigo, com o que eu ganho como professor, sustentar o meu esporte. Então, preciso de apoio.

S.C. – Além deste projeto que tu já fizeste dos cumes do Brasil, tu tens outro projeto?

O.J. – Tenho. “Sete Cumes da América do Sul”. Agora eu quero é escalar as sete maiores montanhas da América do Sul.

S.C. – E estas montanhas são...?

O.J. – Bom, o Aconcágua⁵, que é a maior montanha da América do Sul, tem quase sete mil metros. O Lulllaillaco⁶, - uma palavra que tem seis “letra l” -, que é a menor das sete

⁵ Monte mais alto das Americas, localizado nos Andes Argentinos.

⁶ É um estratovulcão localizado na fronteira entre Argentina e Chile.

montanhas. Tem o Huascarán⁷, que é umas das sete e fica no Peru. Tem o Tres Cruces⁸, o Bonete⁹. Preciso de patrocínio. É um projeto caro, em torno de cem mil reais, que inclui a gravação de um DVD, a produção de material falando da cultura da Cordilheira dos Andes¹⁰. Gostaria, durante esse projeto, de colaborar com algumas pesquisas envolvendo recursos hídricos: como está o estado da água nas diferentes altitudes, em diferentes montanhas da Cordilheira dos Andes. Pegar uma amostra de água a cada mil metros e levar para análise. Também verificar questões como o aquecimento global, fisiologia, de altitude. Esses projetos são bons por isso. Nós reunimos uma série de profissionais.

S.C. – Na realidade, não é só ascender os sete maiores cumes...

O.J. – Eu adoraria que fosse! Seria tão bom escalar só por prazer.

S.C. – Com certeza. E então, na realidade, pelo que tu estás colocando para nós, o que falta muito no montanhismo, nesse esporte, seria patrocínio e divulgação, visibilidade...

O.J. – Falta. Mas, além disso, faltam profissionais capacitados para fazer um “link” entre as pessoas que escalam, os atletas, os esportistas e o governo Federal, via Ministério do Esporte. Falta uma pessoa que abrace os projetos.

S.C. - Ok. Orlei, tens mais alguma coisa que tu gostarias de colocar para nós sobre o esporte? Alguma curiosidade, alguma peculiaridade?

O.J. – Temos que tirar a gauchada de casa! Eu tenho andado pelo Brasil, escalando, divulgando, dando cursos, palestras, e eu vejo que aqui, no Rio Grande do Sul, existe uma restrição aos esportes de aventura. Eu vejo que as pessoas aqui são muito acomodadas no que diz respeito a sair de casa para praticar esporte. Para a maioria das pessoas que eu digo que sou montanhista, que pratico escalada, me acham um maluco, doido... Poxa, sou um cara que tem uma rotina de sono, de alimentação, de treinamento, uma pessoa que estuda,

⁷ É uma montanha da Cordilheira Branca, localizada no Peru.

⁸ Localizado na fronteira entre Argentina e Chile

⁹ Montanha localizada ao norte da Argentina.

¹⁰ Cadeia montanhosa formada por um sistema contínuo de cadeias ao longo da costa ocidental da América do Sul.

que se preocupa com equipamentos, com segurança. Guio outras pessoas. Preocupo-me em fazer uma atividade inovadora que proporcione saúde, que tire essas pessoas das suas rotinas de conforto, de ficar em casa comendo e assistindo televisão, enchendo a cabeça de bobagem. Então, eu acho que a gauchada aqui - estou falando especificamente de Porto Alegre - tem que abstrair de Parcão¹¹, Usina do Gasômetro¹² e investir um pouco mais na sua saúde praticando caminhada em montanha, escalada, rapel, tomar um banho de cachoeira, conhecer os Aparados da Serra¹³... Os Aparados da Serra estão a 160 Km de Porto Alegre. E é uma das regiões mais lindas do mundo! Deveria ser patrimônio da humanidade e pouca gente conhece. Eu vejo tanta gente gastando, cem, duzentos, trezentos reais em cerveja, em uma festa, mas não vejo a galera gastando cinquenta a cem reais para fazer uma atividade de final de semana diferente, saudável, ao lado de uma cachoeira linda, em um lugar lindo, onde tem animais e plantas de todas as cores. Uma experiência inigualável.

P.D. – A questão da formação, quando tu começaste a praticar, aonde é que tu te formaste?

O.J. –Penso que as pessoas têm que procurar guias que sejam capacitados. Para qualquer tipo de serviço que fores contratar, dê uma investigada quem é o profissional. Não troque qualidade por preço baixo! No fim, acaba não valendo a pena! Analise bem o currículo daquela pessoa que tu vais contratar como nutricionista, fisioterapeuta, *personal trainer*, guia de montanha. Se vocês pretendem trabalhar com escalada “indoor”, montanhismo, escalada em rocha, desde já, vocês devem começar a escalar. Sempre que puderem ir para a rocha, para ganhar conhecimento... Não adianta ser professor de Educação Física e saber toda a parte teórica, toda a fisiologia. Tu tens que ser um bom praticante daquele esporte. Eu tenho, por exemplo, capacitação. A Universidade me deu até capacidade e conhecimentos para trabalhar com futebol. Só que eu não tenho coragem de trabalhar com futebol, porque eu mal sei chutar uma bola. [risos] A tua qualificação está ligada à tua experiência corporal com a atividade que tu queres desenvolver. Se tu queres ser um professor de natação, o mínimo que tu tens que fazer é nadar bem.

¹¹ Parque Moinhos de Vento, situado na cidade de Porto Alegre e oficialmente criado em 1972.

¹² Usina do Gasômetro é uma antiga usina de geração de energia de Porto Alegre.

¹³ Os Aparados da Serra são a borda da Serra Geral do Sul do Brasil constituído por mais de trinta cânions.

P.D. – A tua faculdade?

O.J. – Eu fiz a minha graduação no Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista, o IPA. Depois eu procurei o Lapex¹⁴ da UFRGS¹⁵, para fazer a especialização em Cinesiologia que, para o meu trabalho, é fundamental. Paralelamente a isso, eu fiz curso de resgate em montanha, curso de prevenção de acidentes em escalada. Eu faço cursos de APH, que é atendimento pré-hospitalar a cada seis meses. Estou sempre revisando as técnicas de socorro em montanha e auto-resgate. Estou sempre na rocha, sempre grudado no mundo vertical buscando aperfeiçoamento. Participo de vários congressos, seminários, eventos.

S.C. - Muito obrigada pela tua entrevista.

O.J. - A disposição.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

¹⁴ Laboratório de Pesquisa do Exercício da Escola de Educação Física da UFRGS.

¹⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.